

## MODERNISMO EM MARIA ÂNGELA ALVIN

Isabelle Akemi Diniz Tanji <sup>1</sup>; Danglei de Castro Pereira<sup>2</sup>

1. Aluna do curso de Letras da UEMS/Campo Grande – MS, bolsista UEMS/CNPq; [isabelle\\_tanji@hotmail.com](mailto:isabelle_tanji@hotmail.com) ; 2. Orientador/Docente do curso de Letras da UEMS/Campo Grande – MS e do Programa de Mestrado em Letras [danglei@uems.br](mailto:danglei@uems.br).

### Resumo

O presente projeto aborda a poesia de Maria Ângela Alvim dentro dos limites do Modernismo brasileiro. Nossa pesquisa investigou na poesia de Alvim aspectos relevantes para sua compreensão dentro do Modernismo, bem como apresentar particularidades específicas de sua poesia. Procuramos, neste percurso, apresentar considerações sobre o Modernismo, tomando como fonte teórica as ideias de Mário da Silva Brito (2004) e, de forma mais detida, valorizar a poesia Alvim via discussão de sua obra Superfícies publicada em 1950. Nesse percurso, discutimos elementos estéticos e temáticos na poesia da autora, dando enfoque ao caráter fragmentado de seu ritmo poético, bem como a perspectiva intimista que aproxima a poesia de Alvim a poetas como Cecília Meireles, sem, contudo uma preocupação comparativa. O resultado foi a compreensão de Alvim como uma poeta modernista que apresenta uma poesia que compõe para a heterogeneidade do movimento, uma das marcas centrais da poesia modernista no Brasil..

**Palavras-chave:** Poesia modernista. Diversidade. Cânone literário

### Introdução

A presente proposta de investigação discutiu a obra de Maria Ângela Alvim nos limites da poesia do Modernismo Brasileiro. A proposta, neste sentido, apresentou um percurso que, por um lado, abordou os elementos constituintes da poesia Modernista brasileira, dando especial atenção à poesia de Mara Ângela Alvim.

Compreendendo a ideia de que o Modernismo no Brasil tem como uma de suas principais características a heterogeneidade de temas e procedimentos estéticos, apresentamos a valorização intrínseca da diversidade de obras presentes na tradição literária no Brasil. A presente investigação justifica-se na medida em que acreditamos na necessidade de revisão da historiografia literária nacional como algo necessário para a valorização da diversidade de estilos e autores em nossa tradição literária.

Os principais objetivos da pesquisa é discutir a diversidade da poesia Modernista brasileira e a relevância estética da poesia de Mara Ângela Alvim, dentro do contexto literário brasileiro, mais especificamente, no Modernismo.

### Material e Método

Os desdobramentos dos estudos sobre o cânone literário em literatura apresentam as seguintes possibilidades de enfrentamento crítico: i) a manutenção dos discursos avaliativos historiográficos de caráter canônico dentro da tradição, fato que

---

reforça a visão cristalizada pelos manuais de literatura brasileira ampliando o horizonte de avaliação a autores esquecidos pelos manuais, é um processo de incorporação de paradigmas já estabelecidos; ii) a ampliação dos limites deste cânone mediante o acréscimo ou discussão da validade das formas de manutenção do cânone literário e, conseqüentemente, implicando na reavaliação dos limites do cânone e em sua construção estrutural; iii) a possibilidade de abertura dos valores cristalizados pelo cânone, entendido em uma postura mais ampla como resultado da diversidade de estilos e obras. Esta postura reavalia os paradigmas do cânone sem a preocupação eminente de julgamento de obras.

Prevalece nesta postura, a preocupação em adotar uma visão mais intrínseca à obra literária, fato que prevê a abertura do cânone mediante a análise sincrônica de obras e autores, o que alinha a pesquisa à terceira perspectiva de enfrentamento. Essa postura entra em consonância com a preocupação de revisão e discussão do cânone literário nacional com vistas a ampliar os horizontes da crítica literária no Brasil e valorizar a diversidade das produções literárias nacionais como expressões da heterogeneidade da cultura brasileira.

Os modernistas desejavam a libertação da arte das regras fixas, nota comum ao Parnasianismo. Adotaram uma nova postura temática que questionavam mais a realidade em si mesmo com um indivíduo, sem padrões e limitações. Ao escritor modernista caberia então trabalhar a linguagem de forma reflexiva, o trabalho artístico e crítico dos autores deveriam proporcionar uma nova visão do país.

Partindo deste contexto, segundo Alfredo Bosi (1993), o modernismo é dividido em momentos: modernismo heróico ou panfletário dos primeiros anos até 1930; modernismo maduro que envolve autores regionalistas como Graciliano Ramos e poetas da primeira geração. Essa geração compreende a sistematização de caracteres próprios à estética como a utilização de versos livres e a adoção de uma temática mais próxima da realidade cotidiana, bem como a acomodação do sentido reformista da primeira geração em uma estrutura literária que, em muitos casos, resgata a arte de fim de século, em um processo antropófago. Exemplo deste procedimento pode ser encontrado em Mário de Andrade e Manuel Bandeira em que, cada um, a seu modo, retorna a tradição incorporando temas e caracterizando a diversidade temática e estilística que marca a segunda geração modernista.

Na terceira fase, iniciada em 1945, conhecida como a fase de *reflexão* ou *fase esteticista* ou *neomodernismo*, encontramos a face mais estética do modernismo. Nela a poesia de João Cabral de Melo Neto e a prosa de João Guimarães Rosa são exemplos de uma nova perspectiva estética que coloca o Modernismo no compasso das novas perspectivas estéticas, oscilando ora no aprofundamento das questões sociais da segunda geração, ora debruçando-se sob um ecletismo em muito recuperado da tradição parnasiana.

É possível pensar, então, em uma mútua influência entre as três fases modernistas no Brasil. Ao mesmo tempo em que o ecletismo estilístico e temático assume fator importante na construção dos caminhos temáticos dentro da escola. Como cada autor obedecia a sua própria regra, não havia modelos fixos a serem seguidos “não há cânones, não há categorias, não há autoridade”, declara Graça Aranha na abertura da Semana de Arte Moderna. Este ecletismo estético e temático garante a diversidade de estilos presente no contexto modernista.

Os principais nomes que participaram da Semana da Arte Moderna foram: Mario de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Sergio Milliet, Graça Aranha, e outros que apresentam uma produção poética altamente heterogênea como representantes de uma corrente literária. O resultado é a diversidade de temas e estilos, marca primordial do Modernismo brasileiro. Por influência de algumas pesquisas de artistas plásticos e também por suas próprias leituras, Mário de Andrade escreve, em dezembro de 1920, mas publica apenas em 1922 a obra *Paulicéia desvairada*, primeiro livro que compila as ideias modernistas.

Outros poetas tiveram importante participação na Semana da Arte Moderna, entre eles: Luís Aranha, autor cuja poesia possui características de rapidez e simultaneidade forjadas em um verso inovador rítmica e melodicamente, fato que resultou em elogios e em uma recepção positiva pelos modernistas. Luís Aranha escreveu algumas peças como o “Poema Giratório”, em que encontramos a reorganização do verso tradicional e a incorporação de temas do cotidiano como marca primordial. O autor escreveu no período de 1921 – 1922, no entanto, hoje é um ilustre desconhecido. O citamos aqui para discutir a presença de vozes marginais para além dos autores hoje consagrados pela Historiografia literária.<sup>3</sup>

Uma prova deste ecletismo é a presença de nomes como Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira e Ribeiro Couto como participantes da Semana de Arte Moderna. Em Minas Gerais forma-se, também, um grupo de autores que simpatizam com as ideias modernistas. Estes autores publicam textos críticos, poemas e contos na *Revista Cruzeiro*, que contribui ativamente para a divulgação das ideias modernistas. No grupo mineiro destaca-se a obra de autores como Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Alphonsus, Pedro Nava, entre outros.

Fora esses grupos também existem outros grupos como o Gaúcho, o Nordeste, o da Bahia, nos quais encontramos poetas de importância para a Poesia modernista brasileira. Os modernistas de 1945 buscavam uma poesia mais equilibrada que em muito reorganiza a liberdade formal e a rebeldia temática das gerações modernistas anteriores. Alguns autores que integraram a geração de 45, como Cecília Meirelles, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Lêdo Ivo, Domingos Carvalho Silva, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, entre outros, apresentam em comum a busca de um maior rigor na elaboração poética e, por isso, ampliam o caráter eclético do movimento.

No campo temático, alguns autores como Cecília Meireles e Clarice Lispector materializam obras que regressam a um lirismo mais íntimo, fato que resgata elementos da lírica tradicional em detrimento das experiências rítmicas dos primeiros modernistas. É a esta tendência que aproximaremos a poesia de Maria Ângela Alvim no contexto modernista brasileiro.

Compreendemos, portanto, que a geração de 45 conduz o furor rebelde dos primeiros modernistas rumo a um novo arranjo de estilo ao introduzirem, por exemplo, o lirismo intimista e abstrato, formas fixas alinhadas a um sentido profundo de crítica social em sua poesia madura.

---

<sup>3</sup> Em um estudo futuro pretendemos discutir a poesia de Luís Aranha no contexto do Modernismo brasileiro.

O principal aspecto metodológico envolvido no projeto consiste em abordar a obra de Maria Ângela Alvim dentro do Modernismo brasileiro e verificar procedimentos específicos de sua poesia neste contexto.

## **Resultados/ Discussão**

Maria Ângela da Costa Cruz Alvim, nasceu em primeiro de janeiro de 1926, na fazenda de Pouso Alegre, Volta Grande, Zona da Mata em Minas Gerais. Formada pela Universidade Federal de Minas Gerais, na primeira turma do curso de Assistência Social, foi uma pessoa muito ligada às dificuldades sócio-econômicas da cidade de Belo Horizonte. O forte envolvimento com temas sociais seria, mais tarde, uma temática recorrente em sua poesia. Maria Ângela Alvim faleceu em 19 de Outubro de 1959 de uma doença nervosa.

Seu primeiro livro foi **Superfícies**, publicado em 1950 é um de seus trabalhos mais conhecidos. Postumamente foram publicados: **Barca do Tempo** (1950-1955), **Poemas** (1962), **Outros Poemas, Poemas de Agosto** (2000) e **Carta a um cortador de linho** (2000).

O primeiro texto crítico sobre a obra de Maria Ângela Alvim são os comentários de Carlos Drummond de Andrade e Alexandre Eulálio. Drummond (1993), mesmo apontando defeitos no imanes a poesia de Alvim, comenta sua poesia como

uma presença nova e marcante entre os poetas que surgem, e a qualidade especial de uma natureza poética extremamente fina, que sabe selecionar os aspectos da realidade interior e nos oferecer, com sóbria dicção, o resultado último da experiência lírica. (DRUMMOND, 1993, p. 142)

Nas palavras do poeta mineiro identificamos aspectos importantes para a avaliação da poesia de Maria Ângela Alvim. Um deles é a temática intimista da poeta, o segundo a concisão de sua forma de expressão. De fato, a poesia de Maria Ângela é feita por um verso rápido que, à forma do haicai japonês, filtra a realidade em busca da emoção singular do momento. O mesmo percurso avaliativo podemos identificar em Alexandre Eulálio (1993) para quem Alvim pratica o exercício do verso e a “agilidade da expressão” ao filtrar o singular e o individual em um universo agressivo como o é a sociedade brasileira ao final dos anos 40 do século XX.

Maria Ângela utiliza um verso cromático de forte implicação emotiva, fato que induz a um verso rápido e avesso ao contato imediato com o cotidiano. A carência de referentes concretos dá a Alvim uma de suas principais características: a emotividade e a sensibilidade da palavra. Este recurso propõe uma analogia entre som e imagem, colaborando para aproximar a poesia de Alvim ao sentido de contigüidade, entre o estado de alma do poeta e as poucas referências ao real perceptíveis em sua obra.

Percebe-se em sua obra um sentido profundo de tristeza e melancolia em muito presente na poesia da década de 40. Um de seus poemas é dedicado à morte dos soldados nos campos de batalha e a compreensão da precariedade da sociedade pós-guerra como o poema “De tudo me afastei, por não querença”. Neste poema o eu lírico parece impotente diante da vida e das coisas do mundo. Seu filtro é a passagem inerte do tempo e a constatação de que na poesia encontra um espaço para a reflexão e o refúgio deste mundo agressor. A poesia é uma posição mais observadora do que

realmente vivida, o que lhe vale a sensação de vazio, de falta de valor na vida além de matéria de poesia.

Entretanto uma das saídas para este mal estar é a arte, a poesia. Ao produzir este afastamento de forma consciente “*De tudo me afastei, por não querença*” o eu lírico valida a transmutação do real imediato em matéria poética e, neste percurso, reorganiza a realidade imediata em matéria poética ao pensar-se como poro, como uma voz silenciosa da angústia da vida. A este respeito estudamos o poema “Inteira me deixo aqui”, no qual reaparece a busca pelo silêncio do espaço exterior. O silêncio passa a algo do eu lírico e a morte física é sublimada pela produção da poesia. É neste mundo de criação que encontramos a metalinguagem como tema recorrente na obra de Alvim. Sua poesia fala, sobretudo, no apagamento do real dentro do processo angustiante da construção poética. É desta dúvida ou duplicidade que advém a ânsia pelo verso intimista e a aparente abstração do real em sua poesia. A “quase semente” e a presença de “vozes de vento e mar” indicam a busca pelo poético, pelo resolver e pela contenção em um “deserto”.

No poema “Não mais a estrela será tão alta” percebemos a Poesia movida pelo sentimento de tristeza profunda e melancolia, característica marcante em seus poemas. Alvim tem um cuidado de submeter ao leitor um apelo emocional sobre a vida e a morte. Há aqui uma desistência diante das coisas do mundo. “Na mão suicida”, percebe-se essa impotência de viver, procurando na morte a paz que não encontra na vida. O mesmo percurso foi verificado no poema “Mais fiel que a sombra é a morte” mais uma vez a questão de vida e morte aparece como tema central da poesia. Por mais que buscasse a vida e lutasse por ela “E tu gritas: - Vida!”, a morte figura como certeza fiel. A repetição do primeiro verso dá ênfase a esta questão, “Mais fiel que a sombra é a morte”. Este percurso é também verificado no poema “Não ouse esse mal”, em que o eu lírico parece impotente diante a vida e de todas as coisas do mundo. O eu lírico vive um dilema moral. Neste poema está presente o pessimismo e a oposição entre “eu e o mundo”, ela sente que não se encaixa nele, que há um vazio. Para preencher esse vazio, o eu lírico encontra vazão em seus poemas, “Poesia, transcende da letra mortal”.

A temática existencialista e o confronto do eu lírico com o mundo assume uma dimensão ontológica, aproximando o dilema individual no poema a um sentido mais amplo de entrega, de fracasso, fato também verificado no poema “Que importa, se me vou”. Neste poema o eu lírico apresenta uma desilusão diante as coisas da vida, a morte para ele é a única saída, e viver já não importa, “que importa a vida”. Assim, o viés intimista e a discussão do mundo, via reorganização sentimental, alinha Alvim à poesia introspectiva de Cecília Meirelles.

Ao sentido íntimo de individualidade encontramos uma perspectiva estética que em muito retoma o verso sentimental do romantismo. Estaríamos, então, diante de um lirismo de reorganização do passado, fato que contribui para a aproximação da poesia de Alvim à terceira geração modernista. O caráter melódico do verso da poeta e a presença dos questionamentos sociais fazem de Alvim uma poeta modernista, mas com marcas profundas da tradição lírica em termos universais. Estamos diante, portanto, de uma poeta que filtra a realidade via objetivação do mundo, antes pelo olhar individual e pelo sentido de pertencimento, do que pelo compreensão de um mundo corrompido pela perda das ilusões.

## **Conclusões**

Feitos estes comentários sobre a poesia de Maria Ângela Alvim podemos pensar em uma poeta que construiu uma obra enigmática. Nossa preocupação ao apresentar a obra de Maria Ângela Alvim foi discutir aspectos relevantes na poesia e o seu papel no Modernismo brasileiro e também apresentar particularidades específicas de sua poesia.

Ficam evidentes pontos de contato da poesia de Alvim dentro do contexto poético do Modernismo. A heterogeneidade temática e estilística do movimento e a mobilização do verso tradicional, bem como a temática intimista da poeta possibilita a leitura de Alvim como poeta modernista.

## **Agradecimentos**

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UEMS e ao CNPq que forneceram o financiamento para esta pesquisa, sem o qual sua realização ficaria comprometida.

## **Referências**

AVILA, A. **O Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ALVIM, M. A. **Superfícies**. São Paulo: Record, 1956.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Organizador e tradução de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 37.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRITO, M. **Antecedentes Da Semana De Arte Moderna**. 1. Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.

CAMPOS, H. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo. Perspectiva, 1990.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 4.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROSENFELD, A. **Texto/contextoI**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

TELLES, G. M. **Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro** .18. Ed. São Paulo: Vozes, 2006.

SANTOS, Antonio L. **A poesia de Maria Ângela Alvim: Nas fronteiras do cânone**. (Dissertação: Mestrado em Letras).Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas. 2008

SANTOS, Paula Cristina Guidelli do; SOUZA, Adalberto de Oliveira. **As vanguardas européias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de**

**Andrade e Manuel Bandeira.** In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e literários. Maringá, 2009, p.789-798.

TANJI, I. A. D.; PEREIRA, D. C. de Um olhar sobre a poética de Maria Ângela Alvim.  
In: **Revista Querubim**, Ano 07, Número 13, Fev. 2011, p. 52-58.